

36 Emoção e apreensão no mundo: o que será do Brasil?

Como será o Brasil sem Tancredo? A investigação apareceu insistente nos comentários feitos ontem por políticos de todo o mundo e pelos principais jornais internacionais, como o **Washington Post**:

"A coalizão montada por Neves sempre foi encarada como frágil, indo de banqueiros a comunistas. Falava-se que o governo de Neves é um violino, sustentado pela mão esquerda, mas tocado pela direita. Agora este instrumento está nas mãos de um solista menos experiente. E a discórdia já começou a surgir".

A rádio **Vaticano** chegou a comparar os acontecimentos dos últimos 40 dias às "melhores passagens" dos livros de Gabriel García Marques, "não fosse a tragédia que trazem em si". Em seu noticiário matutino "Quatro Vozes" (transmitido em italiano, francês, inglês e espanhol), a rádio manifesta suas dúvidas se "todo esse frágil conglomerado de interesses e poderes, cujo fiel era, precisamente, Tancredo Neves, conseguirá resistir". E considera uma "ironia da História" o fato de José Sarney, "que foi durante muitos anos homem dos militares", ser "convocado a conduzir a transformação do regime ditatorial".

A morte do presidente Tancredo Neves e sua sucessão por Sarney, observa nosso correspondente em Paris, **Reali Júnior**, está provocando dois tipos de reação junto aos meios políticos e financeiros da Europa. Um de natureza política, onde se realçam a maturidade da classe dirigente e da própria população brasileira durante os 39 dias de sofrimento de Tancredo, e também o consenso surgido em torno do nome de Sarney para sucedê-lo, ainda que o vice não desfrute do mesmo apoio e do prestígio do presidente falecido. Já na área financeira, porém, não se observa o mesmo otimismo. Banqueiros franceses manifestavam certo temor, ontem, em relação à evolução da situação econômica brasileira sem Tancredo. Isso porque, na sua ausência, os brasileiros poderão não aceitar da mesma forma o plano de rigor e austeridade imposto pelo FMI.

Círculos financeiros em Paris, preventivamente diminuindo as exportações do continente latino-americano em função da retomada mais lenta da economia norte-americana, temem que o Brasil sofra bastante com este fato, o que trará mais dificuldades para o pagamento do serviço da dívida externa e, consequentemente, fará ressurgir o fantasma da ruptura do próprio sistema monetário internacional.

Nos EUA, pessimismo.

Os jornais norte-americanos, sempre destacando as qualidades políticas de Tancredo e o pesar causado por sua morte, também abordaram o futuro do País. Para o **Washington Times**, jornal pertencente ao reverendo Moon, é possível o estalar de "uma crise política imediata". Menos pessimista, o tradicional **Wall Street Journal**, contudo, não deixa de expressar suas preocupações: "A morte de Neves provavelmente incentivará conflitos internos e diminuirá as possibilidades de ação sobre os problemas econômicos do Brasil", diz o jornal, sem acrescentar outros argumentos a sua previsão.

Não só nos principais jornais dos EUA, como em muitos países de outros continentes, a notícia da morte de Tancredo recebeu bastante destaque nas primeiras páginas e manchetes. O **New York Times**, por exemplo, publica um perfil do presidente assinado por seu correspondente, Alan Riding. Os jornais da Venezuela destacaram-se, no continente, por dedicar amplos espaços à notícia: o diário **Meridiano**, especializado somente em esportes, abriu a primeira exceção em sua história, dando como uma de suas manchetes: "o fim da via crucis" de Tancredo.

O **El Nacional**, um dos principais jornais venezuelanos, reservou nada menos que duas páginas para comentar o assunto e, azendo coro ao pessimismo verificado em vários outros comentários, teme que "a morte de Tancredo, em quem os brasileiros haviam concentrado suas esperanças após mais de duas décadas de ditadura militar, faça emergir o perigo de uma prolongada crise política, que poderia acentuar um novo golpe de Estado castrense". Outros jornais da Venezuela fazem menções à possíveis "erros médicos" que "teriam roubado a vida de Tancredo".

Shirley: inquérito

Embora não falasse também em erros médicos, a presidente do Partido Social-Democrata da Grã-Bretanha, Shirley Williams, manifestando suas dúvidas sobre a morte de Tancredo, defendeu a realização de um inquérito para apurar os fatos. Shirley citou "círculos diplomáticos", nos quais se comenta que o presidente eleito do Brasil teria sido assassinado. "Ele estava perfeitamente saudável 12 horas antes de sua posse e então foi levado subitamente às pressas para o hospital", diz a política britânica, para quem, a partir daí, "todo tipo de estórias contraditórias começou a sair", dos relatórios oficiais.

Nosso correspondente em Buenos Aires, **Hugo Martínez**, ressalta a imediata e dolorosa repercussão da morte de Tancredo na Argentina. Uma hora antes de seu falecimento, o presidente Raul Alfonsin, ao denunciar uma conspiração contra a democracia argentina, citou Tancredo como "um grande político" que conseguira unir o Brasil em torno de uma nova República. Ao receber a notícia de sua morte, Alfonsin manifestou seu "grande pesar". O ex-chanceler Oscar Camillion, considerando a morte de Tancredo um "fato desconcertante", previu a necessidade de os brasileiros iniciarem um novo período de negociações com o governo que começa — "negociações que podem determinar o futuro latino-americano", segundo afirmou a nosso correspondente.

Entre os políticos argentinos, e principalmente o próprio Alfonsin, verifica-se a preocupação com o futuro de Sarney na Presidência. Alfonsin havia feito amizade instantânea com Tancredo e, agora, precisa, o quanto antes, de um presidente estável para dialogar, observam os políticos. **La Razón**, jornal próximo à União Cívica Radical, o partido situacionista chega a ironizar o passado de Sarney: "O sucessor do general João Figueiredo é o presidente do partido de João Figueiredo. O sucessor dos militares é a figura máxima civil do governo militar".

Apesar de não manter relações diplomáticas com o Brasil desde 1962, Cuba também dedicou, em seus principais órgãos de imprensa, grandes espaços para comentar a morte de Tancredo, "o presidente que não assumiu". Mas o tom dos comentários, em sua maioria, foi estritamente objetivo e direto. O drama de Tancredo também foi destaque na imprensa da Nicarágua, que o acompanhou todos os dias através de suas primeiras páginas, informa nosso correspondente **Horacio Ruiz**. Os nicaraguenses consideram uma grande honra assumir o cargo de presidente da República, daí o grande interesse em relação ao caso de Tancredo, "um fato único no mundo", segundo a imprensa local (ser internado na véspera de sua posse).